

*Aletria*, Belo Horizonte, v.27, n.1, p. 249-270, 2017

## **Aprender a ler, aprender a cair: literacia e transgressão em “The Pupil”, de Henry James, e “Missa do galo”, de Machado de Assis<sup>1</sup>**

### **Learning how to read, learning how to fall: literacy and transgression in Henry James’s “The Pupil” and Machado de Assis’s “Missa do galo”**

Amândio Reis

Universidade de Lisboa, Lisboa / Portugal

[amandioreis@letras.ulisboa.pt](mailto:amandioreis@letras.ulisboa.pt)

**Resumo:** Numa fase de consolidação das suas carreiras literárias na esfera pública, Henry James e Machado de Assis publicaram duas narrativas breves: “The Pupil” (1891) e “Missa do galo” (1894), centradas no relacionamento entre um jovem e uma personagem mais velha, figura tutelar do conhecimento e da atração física e intelectual. A partir de questões de narração e interpretação, este estudo comparativo procura identificar a trama essencial daquele relacionamento e perceber como ela evidencia o pensamento crítico dos autores acerca da ideia de aprendizagem e dos efeitos da leitura e da moral social na vida do indivíduo, mas também como ela se articula com o tratamento literário oferecido a estes diferentes aspectos na sua dimensão relacional. Com este objetivo, atenta-se em particular nos papéis da morte e do passado, assim como da memória e do olhar retrospectivo, na construção literária, de forma a perceber de que modo a formulação do mal se relaciona para estas personagens com a corrupção da unidade familiar.

**Palavras-chave:** aprendizagem; Henry James; leitura; Machado de Assis; moral.

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta de investigação financiada por fundos nacionais através de uma Bolsa de Doutoramento individual da Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT (SFRH/BD/100075/2014).

**Abstract:** At a stage when the literary careers of Henry James and Machado de Assis were consolidating in terms of public appraisal, they published two short narratives: “The pupil” (1891) and “Missa do galo” (1894), that focused on the relationship between a young man and an older character, a tutelary figure of physical and intellectual attraction. By tackling questions of narration and interpretation, this comparative reading aims to identify the major plot lines drawn around that relationship and realize in which ways it harks back to both authors’ critical reflection on the notion of learning, on the effects of reading, and on the relevance of morality and social standards. It also focuses on how that relationship connects to the literary treatment given to these different aspects in their relational sphere. To this end, the role of death and past in literary creation, as well as of memory and retrospect, is given particular attention, enabling us to understand how the formulation of evil is deeply connected for these characters to the corruption of the family unit.

**Keywords:** Henry James; learning; Machado de Assis; morality; reading.

Recebido em: 27 de novembro de 2016.

Aprovado em: 3 de março de 2017.

## 1 Começar pelo fim: textualidade e morte

Sem que tenham, tanto quanto parece, tomado conhecimento da obra um do outro ou estabelecido qualquer relação em termos literários, explícita ou não, que hoje se possa identificar com segurança,<sup>2</sup> a proximidade temporal e histórica entre Machado de Assis e Henry James é, por si mesma, um factor a considerar neste estudo. Proponho em seguida, no entanto, uma articulação que ultrapassa a circunstância da contemporaneidade dos autores, um sul e um norte-americano, ambos alheios por nascimento, portanto, ao centro cultural europeu (e, em particular, francês) sob a influência do qual conceberam a sua produção ficcional e ensaística do último quartel do século XIX até ao início do século XX. A ideia central deste estudo é que, através da leitura

---

<sup>2</sup> Marcelo Pen Parreira aborda esta questão naquele que é até à data um dos estudos comparativos de maior fôlego acerca dos dois autores, focado sobretudo nos romances *The Ambassadors* e *Memorial de Aires* (PARREIRA. *Realidade possível: dilemas da ficção em Henry James e Machado de Assis*, p. 18 *et seq.*).

conjunta destes textos, atenta tanto às conexões quanto às divergências entre eles, observa-se em dois autores provenientes de contextos linguísticos e socioculturais muito diferentes uma articulação semelhante entre educação e transgressão, na qual a leitura de ficção – um pouco à maneira da leitora adúltera de Flaubert e do cavaleiro alucinado de Cervantes – parece servir de inspiração e lente que altera a experiência vivida ou, pelo menos, de visão alternativa da realidade codificada que rege o quotidiano dos protagonistas. Parece, então, inevitável para estes dois autores que a *educação sentimental* e o despertar da consciência em que ela consiste resulte nalgum tipo de corrupção de um mundo de outro modo inocente – dir-se-ia, infantil (isto é, *infans*, que ainda não é dotado de fala ou expressão) –, apresentando-se a aprendizagem e a articulação discursiva como queda, e a literatura, enquanto via para o conhecimento, como veículo do mal.

Um primeiro ponto de contacto e também de distinção entre os textos em apreço, nomeadamente os contos “The Pupil”, dado à estampa em revista em 1891 (*Longman’s Magazine*), e “Missa do galo”, igualmente publicado em suporte periódico três anos depois (1894, *A Semana*), é, pois, a forma como ambos apresentam a narração dos acontecimentos que os preenchem a partir de um limite rigorosamente delimitado que, como veremos, se localiza para lá do fim da narrativa, mas que escapa, por diferentes razões, à perfeita conformação discursiva. A fronteira do texto a que me refiro consiste, num caso, no fim do dia e no cumprir de um ciclo, à meia-noite em ponto, momento intersticial que se localiza tipicamente, por isso, ao nível do imaginário, fora da ordem dos dias e no campo do supersticioso e do ritualístico. No outro caso, o instante liminar do texto é a morte do jovem Morgan, catalisador da narrativa e impulsor dos movimentos de Pemberton, seu preceptor e protagonista do conto, centrado, tal como o de Machado (no qual encontramos a tia Conceição e o jovem estudante Nogueira), na convivência entre um par de personagens marcadamente díspares no que toca à idade e às funções e posições sociais.

Os dois textos são percorridos por uma tensão dialogal entre duas personagens que, sendo opositivas, se atraem mutuamente. Estas parselhas ficcionais se assentam em figuras simétricas de discípulo e de mestre – num caso, Morgan e o seu tutor, no outro, Nogueira e a sua tia –, ou seja, têm por base uma relação, com contornos nem sempre claros, entre formas de tutoria e de aprendizado. Todavia, há ainda que

se acrescentar que ao enunciado processo de aprendizagem subjaz o despertar da consciência para uma corrupção moral que tanto atinge o cerne da relação tutorial como ilumina, ao mesmo tempo que assombra, a visão que os jovens aprendizes desenvolvem do mundo e das suas vidas familiares. De resto, foi justamente no tratamento da moral social e subjectiva que Earl E. Fitz encontrou um dos mais sólidos pontos de correlação entre os autores aqui em análise.<sup>3</sup> Assim, é no elo estabelecido por James e Machado entre instrução – também entendida como literacia, tendo em conta o papel preponderante da leitura em ambos os contos – e transgressão moral, isto é, na ideia de uma aprendizagem *do* pecado que é também uma aprendizagem *para* o pecado, que incide essencialmente esta reflexão.

Se, no entanto, a história de Nogueira se abre já num compasso de espera que antecipa, tanto quanto faz demorar, o seu final, enquanto o jovem aguarda pelas doze badaladas para ir acordar o vizinho com quem combinara ir à missa do galo e, desse modo, *sair de cena*,<sup>4</sup> a morte que dá por concluído o conto de James parece súbita e, em princípio, imprevisível. Uma leitura mais atenta, porém, mostra como ela está sinalizada desde cedo no texto, quer pela alusão inicial de Mrs. Moreen, feita com o intuito de despertar a compaixão de Pemberton, a uma “fraqueza de coração” que aflige Morgan ainda nos seus dez anos de idade,<sup>5</sup> quer pelas piadas em torno da morte que depressa surgirão entre o rapaz e o preceptor, que se mostra perverso e inconscientemente aziago. Ao repreender o primeiro pela negligência com que lida com a sua indumentária, ele observa: “My dear fellow, you *are* coming to pieces”;<sup>6</sup> e, vendo-se confrontado com a perspicácia precoce da criança, exclama

---

<sup>3</sup> “[B]oth James and Machado examine the social and psychological complexity of moral issues and create characters who are capable of understanding the process by which consciousness affects human behavior” [James e Machado analisam igualmente a complexidade social e psicológica dos problemas morais, e criam personagens capazes de compreender o processo através do qual a consciência afecta o comportamento humano] (FITZ. *Brazilian Narrative Traditions in a Comparative Context*, p. 114, *apud* CÁFFARO. “From Beyond the Grave”: The Posthumous Trope in Nathaniel Hawthorne, Machado de Assis, and Henry James, p. 115, tradução minha).

<sup>4</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 253.

<sup>5</sup> JAMES. *The Pupil*, p. 133.

<sup>6</sup> “Meu caro amigo, você *está* a cair em pedaços” (JAMES. *The Pupil*, p. 143, tradução minha, grifo do original).

repetidamente “you’re too clever to live”, “you *are* too clever to live!”<sup>7</sup> No seguimento deste jogo, e como resposta jocosa à suspeita infantil de Morgan de que ele está à espera da sua hipotética morte para se ver liberto de responsabilidades educativas e, em última análise, parentais, pelas quais tem obtido pouca ou nenhuma remuneração, Pemberton vai ainda um pouco mais longe: “Look out or I’ll poison you!”<sup>8</sup>

De modo a ilustrar melhor este passo da reflexão, há que se sublinhar que as “piadas de morte” que encontramos em “The Pupil” são possivelmente um motivo literário remanescente de Lewis Carroll e daquilo que entretanto se tornou um lugar-comum da crítica de *Alice’s Adventures in Wonderland*, título publicado menos de três décadas antes de “The Pupil” e que, dando crédito a William Empson, o primeiro a reflectir sobre este assunto, Martin Gardner identifica precisamente como o fenómeno das “death jokes”.<sup>9</sup> Não surpreende, pois, que o trauma (etimologicamente, a ferida) que acompanha o processo de *adolescência* e a revelação na infância de determinados aspectos do mundo dos adultos venha a ser um tópico central de *The Turn of the Screw* (1898) que vemos aqui plenamente prefigurado. A acrescentar a isto, e ligando ainda mais intrinsecamente estes dois textos de James escritos na mesma década, Millicent Bell vislumbra já em Pemberton uma “versão masculina” da preceptora daquela história de fantasmas.<sup>10</sup>

## 2 Olhar para trás: narração e memória

A menção de Michael Moon à pupila do olho, no conto de James, enquanto “focal point of visual and erotic capture”,<sup>11</sup> joga com uma homonímia (entre *pupil*, com o sentido de aluno, e *pupil*, com o sentido de pupila), certamente intencional da parte do autor, que sublinha a pulsão escópica e erótica que o seu jovem aprendiz partilha com o protagonista do texto de Machado. O narrador autodiegético de “Missa do galo”

<sup>7</sup> “Você é demasiado esperto para viver”, “Você é demasiado esperto para viver” (JAMES. *The Pupil*, p. 155-156, tradução minha, grifo do original).

<sup>8</sup> “Cuidado, ou enveneno-o!” (JAMES. *The Pupil*, p. 156, tradução minha).

<sup>9</sup> CARROLL. *The Annotated Alice: Alice’s Adventures in Wonderland and Through the Looking Glass*, p. 13, nota 3.

<sup>10</sup> BELL. *Meaning in Henry James*, p. 225.

<sup>11</sup> “Ponto focal da captação visual e erótica” (MOON. *A Small Boy and Others: Imitation and Initiation in American Culture from Henry James to Andy Warhol*, p. 24).

transporta mesmo a sua obsessão visual para a esfera da narração, ela também assente num olhar retrospectivo sobre uma cena do passado que, não obstante escapar-lhe à compreensão, será, a espaços, estranhamente descrita com enorme detalhe. Diz-nos Nogueira na abertura do seu relato: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta”.<sup>12</sup> Este é um ponto de partida que, conforme Arthur Brakel esclareceu, solicita já que o leitor o entenda de acordo com a sua própria predisposição.<sup>13</sup>

Note-se como nos dois casos o relato dos fatos depois de um intervalo marcadamente longo em relação aos acontecimentos em si. Localizando de igual modo o presente da narração num fundamental *après-coup*, o narrador desconhecido de “The Pupil”, ao recorrer à focalização interna – o que é a um tempo uma diferença importante e um meio de aproximação entre os dois textos, já que dependem ambos de uma determinada forma de perspectivação subjectiva –, confronta-nos com uma situação semelhante de sobreposição entre a vividez da memória e a paradoxal fuga à apreensão (e, neste caso, literalmente, à visão) da personagem que reside no ângulo focal:

*Today, after a considerable interval, there is something phantasmagoric, like a prismatic reflection or a serial novel, in Pemberton's memory of the queerness of the Moreens. If it were not for a few tangible tokens [...] the whole episode and the figures peopling it would seem too inconsequent for anything but dreamland.*<sup>14</sup>

Frisando a condição intervalar do nexo entre a experiência vivida pelo preceptor e o olhar que este vem a ter sobre ela – aos quais me parece necessário acrescentar ainda a (re-)apresentação desse olhar pelo narrador, que penetra em larga medida a consciência de Pemberton –, Nassim Balestrini defende que, nos termos freudianos de uma estratégia

<sup>12</sup> ASSIS. Missa do galo, p. 253.

<sup>13</sup> BRAKEL. Ambiguity and Enigma in Art: The Cases of Henry James and Machado de Assis, p. 445.

<sup>14</sup> “Hoje, após um intervalo considerável, há algo de fantasmagórico, como um reflexo prismático ou um romance de folhetim, na memória de Pemberton da estranheza dos Moreen. Se não fosse por algumas lembranças em que podia tocar [...], todo o episódio, bem como as figuras que o povoaram, pareceria demasiado vago para qualquer coisa que não o país dos sonhos” (JAMES. The Pupil, p. 137, tradução minha, grifos meus).

inconsciente de *coping*, essa falha aponta para “a dismissal of unpleasant experiences from conscious deliberation into an imaginary world”.<sup>15</sup>

Trate-se de experiências desagradáveis ou atordoantes (termo mais apropriado para o que encontramos em Machado), importa sublinhar a ideia de criação de um “mundo imaginário” ou onírico – aquilo a que James, talvez ecoando o País das Maravilhas de *Alice*, identifica como a “dreamland” da memória de Pemberton – e destacá-la como um dos aspectos mais importantes nestes dois contos, e, sem dúvida, um dos que, de um ponto de vista ensaístico, mais ganham com uma leitura em conjunto e em confronto.

Para que se compreenda melhor este argumento, há que se salientar que o processo de rememoração através do qual estas histórias se presentificam é também um método de distanciamento do narrador em relação à matéria narrada, e, por implicação, da matéria narrada em relação àquilo que se poderia entender como a história vivida e, em rigor, irrecuperável. É neste sentido que Manuela Vastolo se refere repetidamente à memória de Pemberton como uma reconstrução pouco fiável, afastada da “referencialidade”,<sup>16</sup> num juízo que se aplicaria também, perfeitamente, ao relato de Nogueira. Assim, a diferença fulcral que a estrutura narrativa de “Missa do galo” apresenta em relação a “The Pupil” reside sobretudo na ficcionalização do registo autobiográfico, por oposição à narração impessoal, muito embora focalizada, do segundo texto. Contudo, ao contrário de garantir uma representação directa (digase, objectiva) e não mediada dos acontecimentos, e, por conseguinte, assegurar a veracidade dos factos, a técnica da pretensa autobiografia – levada ao extremo em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e ainda desenvolvida em *Dom Casmurro* – suscita um condicionamento do ponto de vista que não só põe em questão o teor do relato, produto de um “eu” que apresenta um conhecimento deficitário do universo que o rodeia, como também problematiza a relação do leitor com o texto, que, perante as circunstâncias, não pode ser tomado à letra. Esta particularidade da construção romanesca do autor, generalizável a boa parte da sua obra

---

<sup>15</sup> “[...] a transferência de experiências desagradáveis da deliberação consciente para um mundo imaginário” (BALESTRINI. *The Architecture of the Mind: The Depiction of Consciousness in Selected Short Works by Vladimir Nabokov and Henry James*, p. 352, tradução minha).

<sup>16</sup> VASTOLO. *Class Ties in “The Pupil”*, p. 307.



enquanto exploração da ambivalência como um recurso literário que conhece diversas manifestações, foi oportunamente notada pela crítica machadiana, e com especial incisão por Paul Dixon.<sup>17</sup>

O ponto específico em que me distancio deste estudioso, no entanto, tem que ver com o grau de confiança a depositar nesse sujeito quando falamos dele enquanto narrador. Parece-me difícil, no caso de “Missa do galo”, acreditar tanto nos termos de Nogueira (e na sua incapacidade de interpretar a situação com que se defronta) quanto Dixon parece acreditar quando afirma peremptoriamente que “[o] protagonista e narrador não cria o enigma para o leitor; percebe-o por si mesmo e compartilha-o com o leitor”.<sup>18</sup> Assim, na ausência de dados textuais que fundamentem esta crença, deve contemplar-se também a hipótese inversa, isto é, a de que o narrador cria de facto o enigma, ou seja, oculta activamente o cerne sexual, incestuoso, ilícito, do conto, por motivos de, numa leitura psicanalítica, recalcamento ou negação, ou mesmo, numa leitura metaliterária, por distanciamento irónico e exercício ficcional, especialmente se o associarmos à família de narradores em posição autoral que habita a obra de Machado.<sup>19</sup>

Muito embora a criação de um mundo fabular não seja explicitamente articulada em “Missa do galo”, os problemas que acabo de invocar aproximam o jovem protagonista da personagem de Pemberton, na medida em que aquele surge também inequivocamente como a figura do sonhador, dotado de uma disposição dionisiaca que se manifesta ainda em embriaguez literária: “completamente ébrio de Dumas”.<sup>20</sup> Ele revela ser dono de uma memória assombrada pelo traço fantasmagórico que qualifica a recordação do preceptor de James, quando, perante a inesperada aparição da tia, sugestivamente vestida de branco, diz ter visto

---

<sup>17</sup> “No mundo de Machado, o sujeito tende à indecisão e à dúvida, porque muitas vezes a realidade lhe oferece hipóteses mutuamente exclusivas, mas igualmente convincentes. Às vezes o ‘sujeito’ a que me refiro é personagem, às vezes é o leitor, e às vezes os dois” (DIXON. *Os contos de Machado de Assis*: mais do que sonha a filosofia, p. 52, grifos do original).

<sup>18</sup> DIXON. *Os contos de Machado de Assis*: mais do que sonha a filosofia, p. 57.

<sup>19</sup> A este propósito, Abel Barros Baptista assinou um estudo incontornável no qual, concentrando-se nos romances de Machado de Assis, esclarece a complexa dinâmica que neles se constrói entre “narrador” e “autor suposto” (Cf. BAPTISTA. A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis, p. 143).

<sup>20</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 254.



“assomar à porta da sala o *vulto* de Conceição”.<sup>21</sup> O olhar imaginativo (o de um fazedor de imagens, portanto) leva-o a enxergar a realidade através da ficção, fazendo-as coincidir: “Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras”.<sup>22</sup> A propósito desta questão, é pertinente verificar-se de que maneira os termos em que Pemberton descreve a sua própria lembrança a assemelham também a um *tableau vivant*, ou, noutra acepção, a uma *cena*; como se aquilo que ele procura (e pretende veicular) fosse em última instância uma imagem total. Em relação a esse quadro sinóptico, no qual se cristalizaria toda a acção do conto, com todos os seus intervenientes, aquela parcela de mundo apresenta-se como uma espécie de maquete contemplada sob o ponto de vista superior, dos pássaros ou de Deus, que miniaturiza tudo e todos: “the whole episode and the figures peopling it”.<sup>23</sup>

Em última análise, enquanto meio para se chegar a um efeito de distanciamento da narração, a efabulação autobiográfica na escrita de Machado é análoga do diferimento do texto tal como o encontramos noutra obra paradigmática de James, já aqui mencionada. A história central de *The Turn of the Screw* passa por uma série de transmissões e reescritas que a descredibilizam enquanto tradução fidedigna dos acontecimentos, ao longo de uma breve introdução em que se oferecem ao leitor, a um tempo, a situação de *storytelling*, o presente da narração e a moldura narrativa. Esta indeterminação textual, que surge como o reflexo da indeterminação epistemológica à qual ela mesma subjaz, e que viria a tornar-se um dos tópicos mais polémicos e produtivos da crítica jamesiana, muito embora ainda não alcance um tal desenvolvimento em “The Pupil”, não é estranha a este conto anterior, conforme atesta o prefácio que o escritor preparou para a edição completa das suas obras, no qual assume a refração dos sentidos e a multiplicação dos pontos de vista como vias de acesso a uma visão prismática, tão mais completa quanto menos unívoca, tão mais rica quanto menos certa: “all I have

---

<sup>21</sup> ASSIS. Missa do galo, p. 254, grifos meus.

<sup>22</sup> ASSIS. Missa do galo, p. 255.

<sup>23</sup> “[...] todo o episódio, bem como as figuras que o povoaram” (JAMES. The Pupil, p. 137, tradução minha).

given in ‘The Pupil’ is little Morgan’s troubled vision [...] as reflected in the vision, also troubled enough, of his devoted friend”.<sup>24</sup>

No fundo, estamos perante duas formas diferentes, mas correlatas, de esbatimento da antinomia entre realidade e ficção – logo, de complexificação da dinâmica entre texto e interpretação (e intérprete), bem como do elo cognitivo entre o sujeito e o mundo –, que inscrevem Machado e James numa determinada conjuntura histórico-literária do final do século XIX em que outros autores usaram métodos parecidos, por vezes em conjugação, para atingirem fins semelhantes. Machado e James aproximam-se ainda na sua dívida em comum para com a tradição realista francesa, que, conforme Peter Brooks argumentou, é particularmente notória no regresso de James à “lição de Flaubert”, mas à qual, estou certo, Machado não terá sido alheio, e que emerge em “radical uses of perspectivism, [...] epistemological uncertainties that go with trying to know the lives of others”.<sup>25</sup>

No entanto, quando se fala mais concretamente da problematização do estatuto do texto e do narrador, não se pode descurar a relevância da narrativa de índole fantástica, e não apenas no âmbito da literatura francesa. A este propósito, cumpre mencionar os nomes de Guy de Maupassant e de Robert Louis Stevenson, para referir apenas dois exemplos relevantes, no âmbito das formas breves, de autores cujas obras poderão ter servido de modelo – para somar àquelas já reconhecidas pela crítica – à prosopopeia e ao “tropo póstumo”<sup>26</sup> celebrizados em Machado. Note-se ainda a este respeito como, não atribuindo a “Missa do galo” contornos fantásticos, o autor associa a dada altura o estado de Nogueira a uma “espécie de sono magnético” que tolhe “a língua e os sentidos”,<sup>27</sup> aludindo assim, ao dar conta da incapacidade de expressão e do entorpecimento sensorial do jovem estudante, a um motivo fulcral em Maupassant (*Le Horla*). Portanto, mesmo que estejamos perante um registo muito diferente, em

---

<sup>24</sup> “[...] tudo o que ofereci em ‘The Pupil’ é a visão atormentada do pequeno Morgan [...], tal como ela é reflectida na visão, também suficientemente atormentada, do seu amigo devoto” (JAMES. On “The Pupil”, p. 411, tradução minha).

<sup>25</sup> “[...] usos radicais do perspectivismo, [...] incertezas epistemológicas implicadas na tentativa de conhecer as vidas dos outros” (BROOKS. *Realist Vision*, p. 181, tradução minha).

<sup>26</sup> CÁFFARO. “From Beyond the Grave”: The Posthumous Trope in Nathaniel Hawthorne, Machado de Assis, and Henry James, p. 118.

<sup>27</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 259.

que a ironia e por vezes a comicidade ocupam um lugar central, o autor não deixa de recorrer a um campo semântico ligado ao magnetismo e à metempsicose, que, passando pelo prosador francês, regressa ainda a Edgar Allan Poe.

### 3 Ler outra vez: livro e contágio

A autoconsciência literária destes contos manifesta-se, no entanto, em mais do que um sentido, exigindo nas suas várias declinações uma releitura que a inclua, à luz de influências por vezes sub-reptícias. Para desenvolver mais detalhadamente este ponto, deve observar-se outras configurações dessa autoconsciência. Por um lado, é desde logo relevante, como vimos atrás, que Pemberton compare as suas recordações – afastadas da referencialidade empírica, como diz Vastolo, e “multiplied and refracted in literary codes” –<sup>28</sup> a um romance de folhetim (“serial novel”),<sup>29</sup> fazendo menção a um método de publicação e de recepção consentâneo com a sua época, ao qual tanto Machado quanto James recorreram regularmente. Por outro lado, no conto de Machado, Nogueira refere-se ao período de tempo abarcado pelo seu relato como o “capítulo de que trat[a]”,<sup>30</sup> *editando* a sua vida como um livro, e dando por conseguinte a entender que há outros capítulos aos quais não temos acesso, e que, levando esta sobreposição até às últimas consequências: 1) o capítulo que chega até nós deve ser entendido como *pars pro toto*; 2) qualquer acontecimento na narrativa do mundo corresponde ao capítulo de um livro ou é análogo ao capítulo de um livro; 3) um número infinito de acontecimentos (leia-se, capítulos) cabe na imagem de um livro total, o que nos coloca perante um exemplo oitocentista de secularização do conceito do mundo como livro a que Ernst Robert Curtius deu especial atenção dentre a vasta metaforização a que este objecto foi submetido.<sup>31</sup> Depreende-se assim que as duas personagens, cada uma à sua maneira, inscrevem manifestamente a sua história no universo do livro e da leitura.

Contudo, o olhar cruzado entre James e Machado permite-me enfatizar uma outra metáfora de livro, comum aos dois autores, desta

<sup>28</sup> “[...] multiplicadas e refractadas em códigos literários” (VASTOLO. *Class Ties in “The Pupil”*, p. 307, tradução minha).

<sup>29</sup> JAMES. *The Pupil*, p. 137.

<sup>30</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 254.

<sup>31</sup> CURTIUS. *European Literature and the Latin Middle Ages*, p. 321, tradução minha.

feita expressa no encontro – entendido como um processo de (difícil) intelecção – entre tutor, ou tutora, e aluno. Se no primeiro caso, no entanto, é o aluno que, como veremos, resiste à “tradução”, no segundo caso é a mestra que se oferece à interpretação do jovem pupilo, na senda de uma troca de papéis frequente no que toca à capacidade ou à incapacidade de ler, e à posse do conhecimento ou à permanência na ignorância. Assim, nem sempre será evidente quem está a aprender (e a apreender) o quê, e é aconselhável contemplar-se a hipótese de que Conceição e Pemberton sejam, a espaços, também eles aprendizes da lição dos jovens. Todavia, de modo a esclarecer a minha questão inicial, convém atentar nas palavras exactas do narrador sobre o relacionamento do preceptor com o jovem que ficara sob a sua tutela durante as suas primeiras semanas em Nice, residência europeia dos Moreen, uma família americana que se destaca pela sua particular estranheza (“queerness”): “Morgan had been as puzzling as a page in an unknown language [...]. Indeed the whole mystic volume in which the boy had been bound demanded some practice in translation”.<sup>32</sup>

Em Machado, a relação entre o intérprete – um observador cuja descrição obsessiva (e obsessivamente visual) do corpo da tia o aproxima de um *voyeur* – e a figura que se dá e se fecha em simultâneo à interpretação encontra-se mais subliminarmente codificada. Diferentemente de uma personificação do livro em sentido estrito, ao modo de James, encontramos em “Missa do galo” um processo idêntico efectuado por associação com a primeira metáfora de possessão citada anteriormente. Depois de se ver “ébrio de Dumas”,<sup>33</sup> o estudante de Mangaratiba dá por si, durante a perscrutação detalhada de todos os sinais da linguagem corporal de Conceição, “embebido na sua pessoa”.<sup>34</sup> Tal como a percepção de Pemberton do seu pupilo, a releitura de Nogueira

---

<sup>32</sup> “Morgan tinha sido tão desconcertante como uma página escrita numa língua desconhecida [...]. De facto, todo o místico volume em que o rapaz tinha sido encapado exigia alguma prática em tradução” (JAMES. *The Pupil*, p. 137, tradução minha). No sentido de complementar o entendimento desta metáfora livresca, Helen Hoy procedeu a um levantamento completo do fenómeno do qual a questão aqui abordada, mais específica, decorre, sob a fórmula de “characters as texts to be translated” [personagens como textos a ser traduzidos] em James (HOY. *Homotextual Duplicity in Henry James’s “The Pupil”*, p. 36, tradução minha).

<sup>33</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 254.

<sup>34</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 258.

daquele episódio e da imagem da tia é irremediavelmente falha: “Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me”.<sup>35</sup> Esta tendência para o (in)discernimento faz jus ao tópico machadiano, tal como José Luiz Passos o formulou em relação a *Iaiá Garcia*, da “transmissão de experiências pelo contacto entre olhares insinuantes, muito embora às vezes equivocados quanto ao objeto da insinuação”.<sup>36</sup> Qual será, então, o verdadeiro sentido do jogo de insinuações entre Nogueira e a tia?

O problema epistemológico localizado na raiz destes contos, a que anteriormente aludi, desenvolve-se então por três vias. Em primeiro lugar, ao nível narrativo, na dificuldade em contar e em oferecer uma perfeita expressão linguística das impressões difusas e dos enigmas da história em questão, seja através da focalização interna, seja autobiograficamente. Em segundo lugar, ao nível textual e da trama, na ininteligibilidade da experiência com que as personagens em atitude questionadora se veem confrontadas, e que pode assumir nos dois casos a forma de uma pergunta (em James: *o que levou efectivamente à morte de Morgan?*; e em Machado: *o que aconteceu realmente naquela noite de Natal?*). Em terceiro lugar, ao nível hermenêutico, nas múltiplas interpretações e nos efeitos de ressignificação que o próprio leitor pode encontrar nestes textos em aberto, nos quais a sugestão, as lacunas e as pistas contraditórias desempenham papéis fundamentais. Destituídas deste nível de complexificação e vistas à luz da sua mera, hipotética, sordidez, estas histórias poderiam não passar, para usar as palavras de Brakel, de “chronicles of drawing room speculation about (mainly) sexual activity”.<sup>37</sup>

Outro aspecto que decorre do anteriormente exposto, e sobre o qual cabe reflectir ainda, prende-se não tanto com a falta ou o saldo de conhecimento, em sentido lato, e de conhecimento moralmente comprometedor, em particular, mas, com maior precisão, com o doseamento e a distribuição deste processo intelectual entre o par mestre/discípulo, o qual espelha sem dúvida o par autor/leitor. É por esta razão que a experiência de iniciação erótica de Nogueira, ao que tudo indica

---

<sup>35</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 258.

<sup>36</sup> PASSOS. *O mal e a metamorfose em Machado de Assis*, p. 63.

<sup>37</sup> “[...] crônicas de salão acerca de (sobretudo) actividade sexual” (BRAKEL. *Ambiguity and Enigma in Art: The Case of Henry James and Machado de Assis*, p. 442, tradução minha).

influenciada (ou mesmo amplificada) pela sua própria fantasia, no que corresponde a uma manifestação não concreta do mal neste texto – evocando, desse modo, a inexorável poluição da juventude inocente, tópico central na obra de Machado –,<sup>38</sup> pode também fazer parte de uma trama urdida por Conceição, *autora* de uma situação desconcertante que oferece à pessoa vulnerável do sobrinho, para que este a interprete e desenvolva como quiser ou como puder, de acordo com o princípio reconhecido nos romances de Machado de que, no âmbito da dinâmica conjugal, “a visão da responsabilidade permanece relacional, modal, admitindo sempre a possibilidade do avesso das situações”.<sup>39</sup>

Não só a relação de poder desigual entre as duas personagens – na qual está implicada uma subserviência à mulher mais velha, que, não chegando a ser dominadora, usa o modo imperativo e detém a todo o tempo o controlo da situação – atesta esta hipótese, como é também à figura da tia que, num brevíssimo passo, regressando à temática livresca, se associa algum tipo de conhecimento que ultrapassa as parcas evidências, no que é talvez uma sugestão de onisciência autoral, ou, pelo menos, de maior *ciência*, da parte desta personagem. Ela pergunta ao sobrinho e responde simultaneamente: “Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*”.<sup>40</sup> Que Conceição adivinhasse, ou sempre tivesse sabido, que livro lia Nogueira é sem dúvida um sinal de que ela sabe mais sobre ele do que ele sobre ela, mas é também uma indicação de que – por mais que a tia pareça fugir a isso alegando “falta de tempo” –<sup>41</sup> os dois partilham um universo de leituras no qual se baseia a sua relação, o qual fica patente no desenrolar da conversa acerca de *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo.

Assim, a leitura, chão comum na relação entre instrutor e instruendo, é, acima de tudo, coleitura e cocriação, num processo fundamental de emulação dos cenários e das personagens que povoam as ficções partilhadas

---

<sup>38</sup> “[...] one of his [Machado’s] great themes [is] the end of innocence through the initiation of a young Brazilian into the deceptions and corruptions of adulthood” [Um dos seus grandes temas (de Machado) (é) o fim da inocência através da iniciação de um jovem brasileiro nas decepções e corrupções da idade adulta] (BORGES. The Relevance of Machado de Assis, *apud* PASSOS. O mal e a metamorfose em Machado de Assis, p. 71, tradução minha).

<sup>39</sup> PASSOS. O mal e a metamorfose em Machado de Assis, p. 65.

<sup>40</sup> ASSIS. Missa do galo, p. 255.

<sup>41</sup> ASSIS. Missa do galo, p. 255.

que, por sua vez, conduzem à instauração da fantasia. Esta fantasia, consciente ou não, é a única via de acesso ao conhecimento, de iniciação no mal e de direcção para a queda, para usar termos genesíacos. A leitura oferece ferramentas de legibilidade, mas também de recriação do mundo. Recriar o mundo é o que faz Nogueira ao projectar nele a sua “visão romântica”, a única que conhecemos e, portanto, a única que vale como realidade. Mas a leitura corresponde também para estes dois pares de personagens, como podemos ver em “The Pupil”, a uma determinada *forma de vida* num mundo imaginário e íntimo. Sobre o poder transformativo da leitura, que marca fenomenologicamente a experiência do contacto e do contágio com o texto, Robert Paulson defendeu que a preceptora de *The Turn of the Screw*, futura inversão masculina de Pemberton, é tolhida de vampirismo ao encarnar, justamente por um efeito de leitura, uma das personagens de *The Mysteries of Udolpho*, de Ann Radcliffe.<sup>42</sup>

Se durante a primeira temporada em Paris, Pemberton e o seu pupilo veem na cidade um microcosmo em que idealizam inserir-se (“They figured themselves as part of the vast [...] multitude of the enormous city”),<sup>43</sup> este espaço transforma-se rapidamente, de uma realidade geográfica concreta numa comunidade literária, no seio da qual o *rio* dos livros, coadjuvante da vida, forma a paisagem e preenche o espaço da cidade:

Now and then he [Morgan] had a five-franc piece, and [...] they laid it out scientifically in old books. It was a great day, always spent on the quays, rummaging among the dusty boxes that garnish the parapets. *These were occasions that helped them to live, for their books ran low very soon after the beginning of their acquaintance.*<sup>44</sup>

Sob os signos da avidez e do esgotamento, a relação educativa entre as quatro personagens destes contos não consome apenas livros,

---

<sup>42</sup> PAULSON. *Sin and Evil: Moral Values in Literature*, p. 177.

<sup>43</sup> “Eles imaginaram-se como fazendo parte da vasta [...] multitude da enorme cidade” (JAMES. *The Pupil*, p. 144, tradução minha).

<sup>44</sup> “De vez em quando ele [Morgan] tinha uma moeda de cinco francos, e [...] eles dispunham dela cientificamente em livros antigos. Era um dia ótimo, passado sempre nos cais, a vasculhar entre as caixas empoeiradas que enfeitam os parapecitos. *Estas eram ocasiões que os ajudavam a viver, porque os livros escassearam pouco depois de se terem começado a relacionar*” (JAMES. *The Pupil*, p. 144, tradução minha, grifos meus).



mas encobre, ou neutraliza, uma outra versão possível, erótica, desse relacionamento, assim como, no segundo caso, chega a consumir a vida do aluno. O abraço mortal entre mestre e discípulo estava já anunciado no passo em que Morgan revela a Pemberton as circunstâncias em que Zénobie, sua preceptora anterior, abandonara aquele posto pelo igual motivo da falta de remuneração que aflige agora o jovem inglês: “She cried over me tremendously,” confessa o jovem pupilo, “she hugged me nearly to death”.<sup>45</sup> A verdade é que, ecoando esta passagem e assumindo a posição quase predatória da sua antecessora, Pemberton fará também a Morgan, a dada altura, uma admoestação de sentido dubio (“You had better let me finish you”),<sup>46</sup> de acordo com a qual concluir o compromisso assumido, isto é, dar por completa a instrução do jovem, se pode ler, em chave polissêmica, como *acabar com ele*.

Regressamos, assim, ao tópico da violência associada à aprendizagem da criança – que apenas aflorei anteriormente na menção aos possíveis ecos intertextuais entre este conto de James e o célebre romance de Carroll –, para descobrirmos um (talvez não inesperado) traço de sadomasoquismo entre Morgan e o seu tutor. Isto acontece precisamente no momento em que o primeiro admite, em tom esperançoso e provocador, acreditar na resistência do segundo à penúria e ao incumprimento dos Moreen da sua parte no contrato de preceptorado. A perversidade do diálogo é desconcertantemente óbvia:

“Well, at any rate you’ll hang on to the last.”

“To the last?”

“Till you’re fairly beaten.”

“*You* ought to be fairly beaten!” cried the young man, drawing him closer.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> “Ela chorou imensamente por mim, abraçou-me quase até à morte” (JAMES. The Pupil, p. 152, tradução minha).

<sup>46</sup> “É melhor que me deixe acabar consigo” (JAMES. The Pupil, p. 155, tradução minha).

<sup>47</sup> “‘Bom, de qualquer modo você vai aguentar até ao fim.’ / ‘Até ao fim?’ / ‘Até lhe terem batido como deve ser’ / ‘A *si* é que deviam bater como deve ser!’, exclamou o rapaz, trazendo-o para junto de si” (JAMES. The Pupil, p. 142, tradução minha, grifo do original).

#### 4 Voltar ao princípio: corrupção e retorno

Recolocando em perspectiva uma história de leituras que, associando-se ao campo dos estudos *queer*, têm interpretado o indizível – o que Helen Hoy chamou “the tension of unspeakability pervading the text” –<sup>48</sup> no conto de James à luz da sua componente homoerótica, Philip Horne propôs o que considera uma necessária matização desse escopo crítico no sentido da sua complementaridade essencial com aspectos, embora Horne não use esse termo, da esfera moral: “duty and sacrifice, money and honour, education and experience”.<sup>49</sup> O estudioso desenvolve ainda esta ideia, evidenciando que, por exemplo, a inteligência precoce de Morgan se relaciona com a descoberta de “nuances”, “códigos” e “decepções”<sup>50</sup> que fazem vacilar a sua percepção particularmente aguda da tradição e da honra familiares.

O alerta de Horne pretende reconduzir a nossa atenção para uma dimensão, nem sempre óbvia, de moral social, que, quando identificada no mundo de “Missa do galo”, ganha contornos particularmente relevantes, e que se prendem com a natureza do conto enquanto exercício de regresso ao passado, de recomposição da memória, no que se subentende um acto parcialmente criativo que atesta o lugar em geral negligenciado, mas paradigmático, de “Missa do galo” na fase de maturidade do autor, “[a] partir de 1880”, em que “os protagonistas passam a ser autores das próprias histórias; e as narrativas se dedicam a sujeitos ruinosos, obcecados pela restauração”.<sup>51</sup> Este entendimento do texto evidencia que o que os dois pupilos, Morgan e Nogueira, aprendem ou não conseguem aprender é também um certo conjunto de convenções e de comportamentos em sociedade e/ou no íntimo da relação com as suas figuras tutoriais, que, ao mimetizar essa sociedade, assume um valor metonímico.

O ponto anteriormente exposto ganha maior fundamento se tivermos em linha de conta que, no seu balanço da convivência com a primeira preceptora, Morgan destaca os efeitos do seu crescimento físico e mental (que atribui à “natureza”), mas também os da experiência

---

<sup>48</sup> “A tensão da indizibilidade que percorre o texto” (HOY. Homotextual Duplicity in Henry James’s “The Pupil”, p. 40, nota 10, tradução minha).

<sup>49</sup> “[...] dever e sacrifício, dinheiro e honra, educação e experiência” (HORNE. Henry James: The Master and the ‘Queer Affair’ of “The Pupil”, p. 88, tradução minha).

<sup>50</sup> HORNE. Henry James: the Master and the ‘Queer Affair’ of “The Pupil”, p. 91.

<sup>51</sup> PASSOS. O mal e a metamorfose em Machado de Assis, p. 63-64.

da companhia mútua, no desenvolvimento mútuo da perspicácia entre ele e Zénobie. Neste passo, importa verificar que Morgan se inscreve enfaticamente nas experiências dos seus tutores, aludindo desse modo ao seu próprio papel no crescimento intelectual destes, e, assim, colocando-se na posição de mestre:

“Zénobie was very shrewd,” said Pemberton. “And she made you so.”

“Oh, that wasn’t Zénobie; that was nature. And experience!” Morgan laughed.

“Well, Zénobie was a part of your experience.”

“Certainly I was a part of hers, poor dear!” the boy exclaimed. “And I’m a part of yours.”<sup>52</sup>

Ainda que, tal como o texto se nos oferece, a experiência de aprendizagem erótica de Nogueira se contenha nos limites da pulsão ou da fantasia, o facto de muito tempo depois ele voltar a ela na narrativa que chega até nós – talvez movido pela “humilhação” e pela “culpa” que José Luiz Passos vê como as chaves do passado da personagem machadiana, bem como os elementos que lhe outorgam uma história –<sup>53</sup> é um indício de que aquela se tratou de uma experiência com um valor matricial no desenvolvimento da consciência do narrador que ele é actualmente, em relação à personagem do estudante provinciano que era naquele episódio, duas faces não exactamente coincidentes da mesma pessoa. Embora Passos não se refira a este conto, é inevitável não ver no esforço de Nogueira de conciliação das suas duas *personae* e de recapitulação da sua história outra contribuição para a conclusão sumária de que, além de Machado, “[n]o other body of work within Brazilian literature bears a comparable reflection upon loss, malice, and their sublimating attempts at restoration”.<sup>54</sup>

<sup>52</sup> “‘Zénobie era muito astuta’, disse Pemberton. ‘E ela tornou-o assim também.’ / ‘Oh, não foi Zénobie quem fez isso; foi a natureza. E a experiência!’ , riu-se Morgan. / ‘Bem, Zénobie foi uma parte da sua experiência.’ / ‘Eu fui certamente parte da dela, pobre coitada!’ , exclamou o rapaz. ‘E sou uma parte da sua.’” (JAMES. The Pupil, p. 152, tradução minha).

<sup>53</sup> PASSOS. Machado de Assis, Moral Imagination and the Novel, p. 12.

<sup>54</sup> “Nenhuma outra obra no âmbito da literatura brasileira apresenta uma reflexão equiparável sobre a perda, a malícia, e as tentativas sublimadoras de as restaurar”

Se, no entanto, nem a experiência nem o passar do tempo parecem representar para Nogueira, ao contrário do que acontece com Morgan, um incremento de sabedoria – já que o primeiro alega continuar a não conseguir “entender a conversação”<sup>55</sup> que teve com a tia Conceição naquela remota noite de Natal – as duas revelações com que ele reveste os extremos do seu relato, nomeadamente, a da infidelidade do escrivão Meneses e a do casamento de Conceição após a viuvez do primeiro, acabam por desmentir essa sugestão. Ao contrário do que se possa pensar, e do que alguma crítica propõe,<sup>56</sup> Nogueira não viu no comportamento aparentemente convidativo da tia uma resposta natural ao adultério de Meneses, porque não tinha então conhecimento desse adultério. Ele é claro quanto a isso: “Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em acção”.<sup>57</sup> De igual modo, é apenas meses depois que o estudante regressa ao Rio de Janeiro, ouvindo dizer, outra vez “mais tarde”, que Conceição “casara com o escrevente juramentado do marido”,<sup>58</sup> sem que ela tenha oferecido antes disso qualquer indício de licenciosidade moral.

Em suma, “Missa do galo” trata de uma situação de hermenêutica e reinterpretação da moralidade. Evitando a todo instante que o seu relato da conversa com a tia – que não temos por que não entender, também, como “um eufemismo em acção” – se torne explícito, Nogueira está, com efeito, a reler a sua própria memória à luz de informações adicionais das quais não dispunha quando viveu a experiência. Por conseguinte, ao oferecer uma nova roupagem sugestivamente sexual e amorosa a um episódio que, tanto quanto se sabe, pode ter sido perfeitamente inocente, ele mostra como se tornou, na verdade, sagaz e astuto (“shrewd”), propiciando retoricamente uma interpretação particular, sem nunca a impor. O que Nogueira nos dá a ler é já, portanto, uma releitura.

O “teatro” de Meneses e a “missa do galo na corte”<sup>59</sup> de Nogueira não passam assim, igualmente, de espectáculos, dos lados visíveis de uma hipocrisia que encobre a imoralidade, seja ela concreta ou latente, que toca o cerne da família. Tal como Nogueira, cuja tia tudo aceitaria

---

(PASSOS. Machado de Assis, *Moral Imagination and the Novel*, p. 14, tradução minha).

<sup>55</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 253.

<sup>56</sup> DIXON. *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*, p. 54.

<sup>57</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 253.

<sup>58</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 260.

<sup>59</sup> ASSIS. *Missa do galo*, p. 254.

“com as aparências salvas”,<sup>60</sup> Pemberton percebe que a família para a qual trabalha vive imundamente atrás das máscaras de respeitabilidade da sua suposta classe social. Para ele e para a sua consciência, tal como para a sua sucessora em *The Turn of the Screw*, a promiscuidade e a mobilidade entre estratos diferentes da sociedade são justamente aspectos centrais na construção de uma ideia definitiva de “mal”.<sup>61</sup>

The Moreens were adventurers not merely because they didn't pay their debts, because they lived on society, but because their whole view of life, dim and confused and instinctive, like that of clever colour-blind animals, was speculative and rapacious and mean. Oh they were “respectable”, and that only made them more *immondes*.<sup>62</sup>

Enquanto testemunha das condições de precariedade dos seus preceptores e ponto de refração da perspectiva de Pemberton, Morgan acaba por despertar também para o estado de penúria e de decadência no qual os Moreen vivem em segredo. A família é ainda maximamente humilhada, momentos antes da sua morte, ao enfrentar uma acção de despejo do hotel parisiense onde se alojava, deixando o jovem pupilo – que “had never seen a public exposure” –<sup>63</sup> em estado de choque, a verter “tears of bitter shame”.<sup>64</sup> Vemos assim que, na confrontação com a falha moral que tinge o seio das suas famílias, o que Morgan e Nogueira parecem ter aprendido é que qualquer história no livro do mundo pode ser reescrita numa segunda leitura.

<sup>60</sup> ASSIS. Missa do galo, p. 254.

<sup>61</sup> “The second aspect of sin/evil is social class. [...] The idea of vulgarity, lowness, class violation, which we would see as snobbery, is said by her [the governess] to be evil” [O segundo aspecto do pecado/mal é a classe social. [...] A ideia de vulgaridade, inferioridade, violação de classes, que nós veríamos como arrogância, é chamada por ela (a preceptora) de mal] (PAULSON. *Sin and Evil: Moral Values in Literature*, p. 175-176, tradução minha).

<sup>62</sup> “Os Moreen eram aventureiros não apenas porque não pagavam as suas dívidas e porque viviam em sociedade, mas porque toda a sua visão da vida, obscura e confusa e instintiva, como a de animais daltónicos e espertos, era especulativa e gananciosa e mesquinha. Ó, eles eram ‘respeitáveis’, e isso só os tornava mais *immondes*” (JAMES. *The Pupil*, p. 146, tradução minha).

<sup>63</sup> “[...] nunca tinha visto uma exposição pública” (JAMES. *The Pupil*, p. 169, tradução minha).

<sup>64</sup> “[...] lágrimas de amarga vergonha” (JAMES. *The Pupil*, p. 169, tradução minha).

## Referências

ASSIS, Machado de. Missa do galo. In: \_\_\_\_\_. *Um homem célebre* – antologia de contos. Lisboa: Cotovia, 2013. p. 253-260.

BALESTRINI, Nassim. The Architecture of the Mind: The Depiction of Consciousness in Selected Short Works by Vladimir Nabokov and Henry James. *Amerikastudien / American Studies*, Heidelberg, v. 47, n. 3, p. 345-357, 2002.

BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis. São Paulo: Unicamp, 2003.

BELL, Millicent. *Meaning in Henry James*. Cambridge, London: Harvard University Press, 1991.

BRAKEL, Arthur. Ambiguity and Enigma in Art: The Case of Henry James and Machado de Assis. *Comparative Literature Studies*, The Pennsylvania State University Press, v. 19, n. 4, p. 442-449, 1982.

BROOKS, Peter. *Realist Vision*. New Haven, London: Yale University Press, 2005.

CÁFFARO, Geraldo. “From Beyond the Grave”: The Posthumous Trope in Nathaniel Hawthorne, Machado de Assis, and Henry James. In: ROWE, John Carlos (Ed.). *Henry James Today*. Newcastle: Cambridge Scholars, 2014. p. 113-127.

CARROLL, Lewis. *The Annotated Alice: Alice’s Adventures in Wonderland and Through the Looking Glass*. Ed. Martin Gardner. London: Penguin, 2001.

CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990.

DIXON, Paul. *Os contos de Machado de Assis*: mais do que sonha a filosofia. Porto Alegre: Movimento, 1992.

HORNE, Philip. Henry James: The Master and the ‘Queer Affair’ of “The Pupil”. *Critical Quarterly*, John Wiley and Sons, v. 37, n. 3, p. 75-92, set. 1995.

HOY, Helen. Homotextual Duplicity in Henry James’s “The Pupil”. *The Henry James Review*, Johns Hopkins University Press, v. 14, n. 1, p. 34-42, 1993.

JAMES, Henry. On "The Pupil". In: \_\_\_\_\_. *Tales of Henry James*. Ed. Christof Wegelin, Henry B. Wonham. New York, London: Norton, 2003. p. 409-413.

JAMES, Henry. The Pupil. In: WEGELIN, Christof; WONHAM, Henry B. (Eds.). *Tales of Henry James*. New York, London: Norton, 2003. p. 133-171.

MOON, Michael. *A Small Boy and Others: Imitation and Initiation in American Culture from Henry James to Andy Warhol*. Durham, London: Duke University Press, 1998.

PARREIRA, Marcelo Pen. *Realidade possível: dilemas da ficção em Henry James e Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê, 2012.

PASSOS, José Luiz. Machado de Assis, Moral Imagination and the Novel. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 5-18, jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1983-68212014000100003>

PASSOS, José Luiz. O mal e a metamorfose em Machado de Assis. *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin Press, v. 46, n. 1, p. 57-74, 2009.

PAULSON, Ronald. *Sin and Evil: Moral Values in Literature*. New Haven, London: Yale University Press, 2007. <https://doi.org/10.12987/yale/9780300120141.001.0001>

VASTOLO, Manuela. Class Ties in "The Pupil". In: DE BIASIO, Anna; DESPOTOPOULOU, Anna; IZZO, Donatella. *Transforming Henry James*. Newcastle: Cambridge Scholars, 2013. p. 304-318.